

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

KEILA PATRICIA CORDEIRO DOS SANTOS
NAIRA GOMES DO ESPIRITO SANTO LOI

AFETIVIDADE E AUTOESTIMA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CURITIBA

2015

KEILA PATRICIA CORDEIRO DOS SANTOS
NAIRA GOMES DO ESPIRITO SANTO LOI

AFETIVIDADE E AUTOESTIMA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão apresentado a comissão de Graduação como requisito parcial obrigatório para a aprovação no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná - UFPR.

Orientadora: Profa. Dra. HelgaLoos-Sant'Ana.

CURITIBA

2015

Dedico este trabalho aos meus pais, Célia Gomes do Espírito Santo e Antônio Carlos Nunes do Espírito Santo, que não mediram esforços desde meu nascimento para que eu me dedicasse a estudar e assim poder concluir esta etapa. Aos familiares e amigos que sempre acreditaram na minha capacidade. E, em especial, ao meu marido que me incentivou a prestar o vestibular para a Universidade Federal do Paraná, e que sem seu incentivo e apoio ao longo desses anos de graduação sua conclusão não seria possível.

Naira Gomes Loi.

Dedico este trabalho aos meus pais, Aparecida Salete Tesser dos Santos e Adão Cordeiro dos Santos, que não mediram esforços desde meu nascimento para que eu me dedicasse a estudar e assim poder concluir esta etapa. À minha irmã Keli, que sempre está disposta a me ajudar. Ao meu irmão Cristiano, que simplesmente por nascer fez com que eu me apaixonasse pela profissão que escolhi. E ao meu marido que me apoiou tanto nessa reta final para que a conclusão da graduação fosse possível. E especialmente ao anjinho que está por vir, mas que já trouxe muito mais sentido à minha vida.

Keila Patrícia Cordeiro Dos Santos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos pais, que não mediram esforços para que chegássemos até esta etapa de nossas vidas, oferecendo apoio em todos os momentos.

Aos irmãos e filhos pelo carinho, confiança e conforto nas horas difíceis.

Aos amigos de infância que, mesmo longe, não esquecemos jamais.

Aos colegas de graduação, pelo incentivo e pelos apoios constantes, em especial às amigas Keila Barbosa e Mariah Ferreira que fizeram nosso período de estágio mais divertido e leve.

Aos nossos amados filhotes de estimação pelo apoio e companhia nas madrugadas de TCC.

Aos profissionais desta instituição, em especial à professora Dra. Helga Loos-Sant'Ana, nossa orientadora.

À escola e professoras do Semeador do Saber, que contribuíram disponibilizando seu tempo para que conseguíssemos realizar essa etapa de conclusão do trabalho presente.

À Universidade Federal do Paraná pela aprendizagem e conhecimento e a todos os professores do curso de Pedagogia que, dedicadamente, compartilharam o seu saber para a nossa formação.

O medo e a ira de um cão são mais fortes e expressivos que a ira de um [ser humano selvagem]; esses mesmos sentimentos são mais impulsivos em um selvagem que em uma criança; e, na criança, são mais fortes que no adulto.

(Vygotsky)

É apenas com o coração que se pode ver direito; o essencial é invisível aos olhos.

(Antoine de Saint Exupéry)

RESUMO

A grande maioria das pessoas reconhece a importância da autoestima e da afetividade quando questionados, porém são poucos os que sabem verdadeiramente a relevância e, principalmente, a dimensão que este tema pode trazer para uma criança. A fase em que uma criança se desenvolve é um momento crucial, sendo que a autoestima e a afetividade com relação às demais pessoas propulsionam suas aprendizagens e os rumos que toma seu desenvolvimento, podendo isso ser refletido por toda sua vida. O comportamento da criança na maioria das vezes é dirigido pela linguagem que o adulto utiliza e sabemos que a criança pode internalizar muito do que um adulto diz, tomando como verdade para si. Por isso, a relação com os adultos desde seu nascimento é crucial para a formação do seu autoconceito e de sua autoestima. Buscando compreender como o adulto pode afetar a autoestima de uma criança no período pré-escolar, essa pesquisa foi desenvolvida com objetivo principal de instigar os leitores sobre a importância da autoestima e da afetividade na educação infantil, apresentando o embasamento teórico de diversos autores sobre o assunto, bem como os resultados de uma pesquisa de campo com profissionais da área de Educação Infantil. O objetivo da pesquisa empírica foi fazer um levantamento do que as professoras entendem por afetividade e autoestima, e como trabalham isso em seu dia a dia. Os resultados obtidos mostram que todas as profissionais demonstram interesse por esse assunto, porém muitas não detêm conhecimento teórico-prático sobre ele, inclusive sobre a importância das relações afetivas e a influência que o professor pode ter na vida de uma criança; vindo, assim, ao encontro do que pesquisamos em nossa revisão de literatura.

Palavras-Chave: Afetividade; Autoestima; Educação Infantil; Relação Professor-Aluno.

ABSTRACT

Most people recognize the importance of self-esteem and affectivity when asked, but there are few who truly know the relevance and especially the extent that this issue can bring to a child. The development phase is a crucial moment where self-esteem and affectivity can facilitate learning and the development of a person, and this can be reflected throughout his life. The child's behavior most of the time is driven by the language that the adult uses and we know that the child can internalize everything the adult says, taking as true for you. So the relationship with adults from birth is crucial for the formation of their self-concept and self-esteem. Trying to understand how the adult can affect self-esteem in the early years, this research was developed with the main objective to instill the importance of self-esteem and affectivity in early childhood education, presenting the theoretical basis of various authors on the subject, as well as the results of a search field with professionals in early childhood education. The objective of the research in the field was to do a survey of what teachers mean by affectivity and self-esteem, and how they work this into their daily lives. The results show that all professionals show interest in this subject, but many do not hold theoretical-practical knowledge about it, including their affective relationships with pupils, and the influence that teacher can have on a child's life, accordingly to what we searched in our literature review.

Keywords: Affectivity; Self-Esteem; Early Childhood Education; Teacher-Student Relationship.

Sumário

1	JUSTIFICATIVA.....	12
2	OBJETIVOS.....	13
2.1	GERAL.....	13
2.2	ESPECÍFICOS.....	13
3	INTRODUÇÃO.....	14
4	REVISÃO DE LITERATURA.....	16
4.1	AFETO E EMOÇÃO.....	16
4.1.1	A Importância da Afetividade	17
4.1.2	O que é Emoção?	20
4.2	APRENDIZAGEM E AUTOESTIMA.....	22
4.2.1	Conceituando a Autoestima.....	22
4.2.2	Autoconceito e Autoimagem	26
4.2.3	Influências da Afetividade em Contextos de Aprendizagem	28
4.3	RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO BASEADA NA AFETIVIDADE.....	30
4.3.1	Relação Professor Aluno: Expectativas dos Alunos	33
4.3.2	Relação Professor-Aluno: Expectativas dos Professores.....	37
5	O ESTUDO DE CAMPO: METODOLOGIA E RESULTADOS.....	41
5.1	1º BLOCO- ASPECTOS DE IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO	42
5.2	2º BLOCO- AFETIVIDADE	44
5.3	3º BLOCO- AUTOESTIMA	46
5.4	A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR FRENTE AOS RESULTADOS APRESENTADOS.....	48
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	52
	ANEXO 1- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	54
	ANEXO 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	55

1 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema se deu devido à realidade na qual nos encontramos, pois vivemos em um mundo onde o tempo é cada vez mais dinâmico, onde as emoções são, tantas vezes, deixadas de lado e o importante é “dar conta do recado”. Essa atitude tende a permanecer, pois desde pequenas as crianças aprendem a conviver com isso. Seus pais em casa, sempre apressados e com pouco tempo para dar atenção. Na escola não é diferente, os professores possuem muitos alunos, principalmente quando falamos em escolas públicas; assim não encontram uma maneira de dar atenção a todos. Alguns alunos vão à escola com a expectativa de serem valorizados, de terem atenção do(a) professor(a), e ficam frustrados quando isso não acontece. Uma das mais importantes vivências para a criança é o afeto, já que dependendo do quanto e de como for amada poderá se desenvolver de forma mais positiva, principalmente no que se refere à sua autoestima.

Durante a nossa graduação, podemos verificar o quanto e como realmente a formação é importante para o profissional da Educação; no entanto o aprendizado vai além de entrar na sala de aula e saber ministrar uma aula.

De acordo com as nossas experiências de vida, tanto em nossa própria infância como profissionais atuantes em sala, podemos perceber e levar adiante o princípio de que a melhor maneira de tornar uma aprendizagem satisfatória para atingir um objetivo, deve, sim, passar pelo vínculo afetivo entre professores e alunos, desde a Educação Infantil e ao longo de toda a vida acadêmica.

O professor deve ser um agente motivador, observar seu aluno como um indivíduo único, estabelecer vínculo afetivo e também estimular sua autoestima. Assim acreditamos que além da formação constante do profissional, essas sejam as formas para uma melhor aprendizagem.

Sendo assim, o presente trabalho visa descrever tais questões, agregando conhecimentos, metodologias e práticas adquiridas por suas autoras durante o curso de Licenciatura em Pedagogia, uma vez que este assunto possui imensa relevância no desenvolvimento de uma criança e, por conseguinte, no contexto da Educação Infantil.

2 OBJETIVOS

Este tópico apresenta os objetivos gerais e específicos propostos neste trabalho.

2.1 GERAL

Analisar a importância da afetividade e da autoestima na Educação Infantil e algumas percepções de profissionais desta modalidade de educação sobre esse tema, bem como sua aplicação no cotidiano na sala de aula.

2.2 ESPECÍFICOS

- Apresentar os conceitos de afetividade e autoestima, bem como sua relevância para a temática da relação professor-aluno.
- Levantar informações sobre as vivências de profissionais da área de Educação Infantil sobre o tema proposto.
- Investigar indicadores positivos para os contextos de aprendizagem no âmbito da Educação Infantil relacionados à autoestima.
- Relacionar o tema estudado com o desenvolvimento psicológico da criança.

3 INTRODUÇÃO

A afetividade está inserida no nosso dia a dia desde que nascemos, pois ela resume tudo o que afeta o ser humano e como este afeta o ambiente. Dentro dessa ampla temática utilizamos termos como cuidado, afeto, amor, entre outros sentimentos e emoções.

A forma como se dá a relação de afetividade entre duas ou mais pessoas, pode interferir muito em sua vida. Podemos perceber essa interferência na sala de aula, por exemplo, seja com crianças da educação infantil ou adolescentes. Quando por algum motivo gostam de seus professores, seus comportamentos tendem a ser positivos. Os pequenos deixam o colo dos seus pais com mais facilidade, e os maiores podem se dedicar mais à disciplina ministrada por esse professor, por exemplo. Se o sentimento for contrário, os menores poderão chorar intensamente no momento em que se separam dos pais para ficar na escola, e os maiores poderão apresentar comportamentos inadequados. Contudo, segundo aponta Guimarães (2004, p. 180), “a principal preocupação da escola é com o domínio de conteúdo e com o rendimento dos alunos” e, com isso, esquece que o aluno é afetivo e não se permite perceber o quanto a relação entre professor e aluno pode influenciar em seu desenvolvimento e aprendizagem.

Outro fator que pode interferir no desenvolvimento da criança é sua autoestima, que também depende de como se dá a relação dela com as outras pessoas. A começar em sua própria família. Se apenas seus defeitos forem ressaltados pelos pais, a tendência é que ela aprenda a se ver de uma forma negativa, crie um autoconceito negativo de si e já chegue à escola duvidando de suas capacidades. E caso o professor continue ressaltando características negativas e não prestando atenção nas qualidades que essa criança traz, ela acaba por internalizar essas ideias negativas que os adultos mostraram para ela, tomando como verdade absoluta as incompetências que lhe são atribuídas e podendo apresentar uma autoestima negativa por toda sua vida.

Foram preocupações dessa ordem que nos levaram a elaborar esse trabalho, visando reunir mais informações sobre o quanto e como as relações afetivas podem

influir no desenvolvimento de uma criança, apoiando-nos nas pesquisas de diversos autores e realizando, por fim uma pequena pesquisa de campo com algumas professoras da Educação Infantil.

4 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo apresenta a percepção de diversos autores sobre o tema abordado neste trabalho, visando explorar o conteúdo da forma mais abrangente possível (considerando o momento e os propósitos deste estudo), com a finalidade de estabelecer pressupostos acerca da importância da afetividade nas relações educativas.

4.1 AFETO E EMOÇÃO

A partir das primeiras relações sociais, que geralmente ocorrem com os familiares, as crianças passam a perceber o mundo de acordo com as perspectivas e olhares destas pessoas. Por exemplo, o contato com “pessoas negativas”, que tendem a achar a vida difícil, influenciará o olhar de mundo que a criança irá internalizar e levar consigo durante grande parte de sua vida. Merleau-Ponty (1990), citado por Camargo (1999), explica que as relações com os pais são mais do que relações com duas pessoas: vão mais além, pois são relações com o mundo, sendo os pais mediadores dessas relações.

Um adulto tende a repassar para os filhos a relação que teve com seus pais durante sua infância. Por isso, a tendência é que a mãe aja com o seu filho da mesma maneira que sua mãe agiu com ela, ou por acreditar ser essa a melhor maneira, ou porque essa relação foi prejudicada por algum motivo, ficando marcada até a sua vida adulta. Se quando criança, por exemplo, essa pessoa teve uma boa relação, com troca de carinhos e afetos, a tendência é que ela transmita sentimentos semelhantes para a relação com seu filho, pois, agora ela é a mãe e a vida emocional de seu filho dependerá desta relação. De acordo com Camargo (1999, p. 3), “A necessidade do outro também depende das ações e dos afetos recebidos. As primeiras relações, geralmente com a mãe, são permeadas pela história pessoal dela.”

Ainda segundo Camargo (1999, p. 2), “O estudo da emoção, em particular, tem se submetido a esta regra que remonta aos tempos em que se separavam as “faculdades da alma”, e estas, do corpo, da matéria, e não levavam em conta as interações sociais.” Pensava-se que o indivíduo nos processos de aprendizagem, por exemplo, não passava por um processo afetivo e sim somente cognitivo. Porém, com os avanços dos estudos sobre tais assuntos, se entendeu que uma pessoa não pode ser separada em categorias. Todos os processos, inclusive os de aprendizagem, estão interligados com as emoções e experiências, que se tem durante toda a vida, estas por sua vez, estão inseridos e entrelaçados no histórico particular de cada um.

Então, porque atualmente não presenciamos mudanças significativas? Porque ainda hoje, passados tantos anos, a emoção é deixada de lado em inúmeros aspectos da vida, inclusive em sala de aula? Será por falta de interesse dos professores? Ou porque não encontram tempo para tratar esta questão? Para Camargo (2005), a emoção se encontra presente em todos os processos de aprendizagem, quando não existe emoção, não existe aprendizagem, afinal a emoção é o que nos move. Para isso, percebemos o quanto o professor deve ter a sensibilidade e sentir-se próximo aos seus alunos, despertando o afeto e emoções positivas, com isso, é possível encontrar motivação para, enfim, alcançar uma aprendizagem satisfatória.

4.1.1 A Importância da Afetividade

O afeto para nós, indivíduos humanos, tem uma enorme importância, pois desde o nascimento necessitamos dele, inclusive para sobreviver. É devido ao afeto que o bebê desperta nas pessoas, por exemplo, que ele será cuidado por alguém, sendo que este alguém geralmente é a mãe. Não fosse este afeto despertado, não sobreviveríamos sozinhos, devido a nossa fragilidade fisiológica, psicológica e social que apresentamos inicialmente. Esse cuidado que dispensamos ao outro é permeado pelo afeto, mais especificamente como trataremos aqui, pela afetividade, a qual é extremamente importante nas nossas relações, desde o nascimento até a morte.

Segundo Almeida (2010), citado por Loos e Gasparim (2013),

O conjunto *afetividade* oferece as funções responsáveis pelas emoções, pelos sentimentos e pela paixão. Afetividade refere-se à capacidade do ser humano de ser afetado pelo mundo interno e externo, por sensações ligadas a tonalidades agradáveis e desagradáveis. (LOOS; GASPARIM, 2013, p. 201).

A afetividade é tudo o que afeta o ser humano juntamente com a importância que o mesmo concede a isso (LOOS; SANT'ANA; CEBULSKI, 2010). Com tamanha relevância em nossas vidas, constatamos que as relações afetivas desde bebês com os pais, familiares e também professores, podem ter grande influência sobre qual sujeito nos tornaremos. Por isso, essas relações poderão nos afetar intimamente principalmente na infância, porém se refletirão na vida do indivíduo na fase adolescente e, principalmente na fase adulta.

Educar uma criança requer responsabilidade e, muitas vezes, as pessoas se deparam com este momento sem ao menos estarem preparadas, sentindo-se desamparadas e principalmente imaturas. Por isso, às vezes acabam por cometer inúmeros erros, inclusive repetindo os erros dos quais foram vítimas na infância, erros estes cometidos pelos pais e professores, os quais podem deixar marcas permanentes na vida dessa pessoa. Conforme Oatley e Jenkins (1998), muitas orientações adquiridas na infância podem induzir modelos emocionais característicos não só durante a infância, mas também na vida adulta. Ou seja, o que os referidos autores chamam de *continuidade emocional* pode afetar decisões e escolhas que as pessoas farão ao longo da vida.

Um dos erros cometidos por pais é superproteger os filhos; acreditam que por amá-los demais não querem vê-los machucados, por exemplo. Isso, porém, muitas vezes os impedem de fazer as coisas naturais da infância, uma vez que esta é a fase das descobertas, onde cair, arranhar, chorar, enfim, tudo faz parte para seguir em frente e crescer. Desde cedo o indivíduo deve aprender a lidar com frustrações, ter conhecimento de que nem sempre irá ganhar, que às vezes irá perder, e que tudo isso faz parte da vida, sendo essa a maneira de evoluirmos.

Alguns pais desde sempre colocam tudo o que podem à disposição de seus filhos, impedindo-os de fazer e conseguir por si só, achando que ainda não são capazes e temendo que os filhos fiquem frustrados. Pensam estarem fazendo o melhor. No entanto, mal sabem o erro que estão cometendo, pois desde recém-nascidos as crianças devem ser incentivadas a conseguir as coisas por si mesmas, entendendo que são capazes de muitas coisas, sentindo-se estimulados a conquistar o próximo desafio, encontrando assim satisfação pessoal em casa conquistada. Se em vez disso a criança for acostumada a ter as coisas prontas sem nunca lutar por elas, sentirá a si mesma como vazia e incapaz, tornando-se insegura em suas ações e relações.

Concordamos com Camargo (1999, p.14), quando esta autora explica que “subordinando-se às ordens verbais dos adultos, a criança adquire um sistema destas instruções verbais e começa gradualmente a utilizá-las para a formação de sua própria conduta.”. Sabendo disso, torna-se possível afirmar que se a criança ouve durante toda a vida (por vezes desde seu nascimento) que ela não consegue as coisas sozinha, que precisa sempre que alguém faça por ela, conseqüentemente tende a internalizar que só conseguirá as coisas se alguém fizer por ela, que ela própria não consegue nada por seus próprios meios, pois não tem capacidade. Já quando o contrário acontece, ou seja,

[...] os pais que creem no poder do esforço como meio de alcançar um fim, por exemplo, tendem a expressar isso de várias maneiras, não apenas verbalmente, mas através do próprio comportamento, encorajando-os [os filhos] a persistir quando estes se confrontam com obstáculos. (LOOS, 2003, p. 37-38).

Podemos perceber reações diferentes em crianças que provêm de um meio que as constrange e limita ou de outro que as incentiva e encoraja, pois estas últimas mostram-se crianças que se sentem capazes e mais seguras ao tentar alguma coisa. Com isso também se tornam adultos mais confiantes, pois desde cedo aprenderam a lutar pelo que querem, e também a lidar com as frustrações de correntes de interações mais difíceis.

Todos nós temos a necessidade do contato com o outro, ninguém sobrevive sozinho, mas isso vai além das necessidades básicas, envolvendo também a necessidade de ser aceito e de pertencer. Quando nos relacionamos com os outros criamos inúmeras expectativas. Porém estas, muitas vezes, não são atingidas, pois entramos em conflito com o outro, que também tem suas vontades e expectativas, podendo-se entrar em atrito nessa relação. Isso ocorre principalmente quando estamos mergulhados em culturas diferentes. Contudo, dependemos dessas estruturas sociais para nos relacionarmos, e é um desafio conciliar tudo isso para nos sentirmos satisfeitos afetivamente conosco mesmo e com os outros.

As relações se tornam muito mais fáceis quando aprendemos a respeitar as vontades do outro. Este respeito aprendemos com os adultos com os quais nos relacionamos durante a infância. Mais uma vez observamos que nossa capacidade de aceitar e conviver com as vontades do outro depende de como isso nos foi passado enquanto crianças. Se os pais ou adultos próximos deram às crianças tudo nas mãos, tudo o que foi pedido ou por vezes até exigido, dificilmente estas crianças aceitarão a vontade do outro de uma maneira saudável, pois a primeira reação frequente é a de exigir que o outro ceda às suas vontades. Mas se ao contrário, durante a infância, a criança foi incentivada a conseguir o que queria, e aprendeu a lidar com as necessidades e vontades alheias, com a frustração sentida quando não conseguia algo desejado, a tendência é aceitar melhor e respeitar a vontade dos outros, sabendo, assim, manter uma relação que seja satisfatória para ambos os lados envolvidos.

4.1.2 O que é Emoção?

Emoção não pode ser confundida com afetividade, pois a afetividade é um conjunto mais amplo de processos, dos quais a emoção faz parte. A emoção é a primeira forma que o indivíduo tem de se comunicar com o meio. Segundo Camargo (1999), a partir dela se iniciam as relações e os laços afetivos entre as pessoas. Ao mesmo tempo, emoção e afeto também se relacionam, pois o afeto (a interação com o meio) nos emociona e, sendo assim, a emoção irá sempre nos impactar, de uma forma agradável ou não.

Mas, afinal, o que é *emoção*?

Emoção é expressão, movimento, explosão. É também alegria e tristeza, prazer e desprazer, amor e ódio, atração e aversão, adoração, afeto, carinho; horror, terror, medo e pânico. É sentir o coração a bater, ter a respiração suspensa, tremores, tensão. É contração, espasmo, inspiração, respiração, tudo isso e muito mais. Ela irrompe bruscamente, nega a evolução humana, humaniza o homem. A emoção engloba tudo, é algo muito complexo. (CAMARGO, 2005, p. 13).

A criança é em sua maior parte composta de emoções a “flor da pele”, é um período de experiências e novas sensações, portanto,

[...] as emoções se transformam ao longo da vida. Nesse processo entram em relação com outras funções e passam a se expressar junto ou através delas. Funções como linguagem, memória, percepção e atenção estão carregadas de emoções e sentimentos, mesmo que, às vezes, elas estejam encobertas, e seja difícil o seu reconhecimento. (CAMARGO, 2005, p. 7).

Porém, com o passar dos anos a criança começará a agir de forma menos emocional, internalizando a razão em seus pensamentos e ações. Com isso, essa forma emocional de ver a vida é deixada de lado quase que totalmente por conta da racionalidade que deve ser priorizada – segundo os valores que nos são passados pela sociedade de geração em geração, a qual transmite a ideia de que ao se deixar levar por uma emoção, uma pessoa “perde o foco” e trará prejuízos, sendo o “ideal” deixar a razão se sobressair em todos os aspectos de suas vidas, afetivas ou não.

[...], pois essa concepção de emoção como potencial desorganizadora e dissociadora da razão, algo que deve ser a ela submetida, tem dominado o pensamento ocidental sobre o desenvolvimento infantil. (CAMARGO, 2005, p. 100).

Acreditamos que o necessário deve ser o bom uso da razão e emoção, o equilíbrio entre as duas, talvez somente assim possamos ter uma satisfação completa em vários aspectos da vida. Contudo sem deixar de lado as possibilidades do que seria o ideal a nós como seres humanos. Inúmeras vezes é complicado atingir o equilíbrio, e assim como Loos (2003), citando Pascal (1623-1659), descreve que a

natureza humana não pode ser compreendida usando somente a razão, pois se percebe um poder nas emoções, o que vai além da uma compreensão racional.

Um dos fatores mais importantes ao ajudar as crianças e os adultos a manterem um equilíbrio emocional é a presença de pessoas cooperantes nas suas vidas. As emoções perturbadoras são aliviadas com a presença de seres amados. Deste modo, não devemos pensar que conservar o equilíbrio emocional é uma tarefa para o indivíduo unicamente. (OATLEY; JENKINS, 1998, p. 228).

Manter o “equilíbrio emocional”, como citam Oatley e Jenkins (1998), não é tarefa para uma pessoa fazer sozinha. É preciso ter o outro para interagirmos. E a relação que teremos com esse outro poderá afetar de maneira positiva ou negativa a maneira como nos deixamos afetar pelo mundo e, também, como o afetamos. E é com base nisso que se construirá nossa autoestima.

4.2 APRENDIZAGEM E AUTOESTIMA

4.2.1 Conceituando a Autoestima

Podemos dizer que hoje muito se fala sobre autoestima, mas será que as pessoas sabem realmente o que vem a ser *autoestima*? E quão importante para todos nós ela é, a fim de termos uma vida mais satisfatória? Autoestima, conforme Loos (2003), é:

Um conjunto de sentimentos e pensamentos do indivíduo sobre seu próprio valor, competência e adequação, que reflete uma atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo. Coopersmith também ressalta seu aspecto valorativo (atribuição de autovalor), influenciando a forma como cada indivíduo elege suas metas, aceita a si mesmo, valoriza o outro e projeta expectativas para o futuro. A autoestima, assim, expressa uma atitude de aprovação ou desaprovação em relação a si mesmo, indicando o grau em que se considera capaz, importante e valioso. Tais referências que uma pessoa constrói sobre si são baseadas fortemente na maneira como são tratadas por pessoas significativas, especialmente pais, professores e amigos. (LOOS, 2003, p. 44).

Assim sendo, entende-se que o adulto que tem uma autoestima elevada se sentirá satisfeito consigo mesmo e assim se sentirá capaz, tornando mais fácil atingir seus objetivos frente aos desafios cotidianos. No entanto, essa autoestima positiva deverá ser incentivada desde a infância pelos adultos próximos às crianças, caso contrário se não for estimulada desde então a baixa autoestima irá predominar, assim acarretará grande prejuízo à vida da pessoa, como ansiedade, falta de iniciativa e insegurança, a qual é a responsável pela pessoa se sentir incapacitada frente os desafios do dia a dia.

Uma criança necessita de beijos, abraços, mas afetividade não é somente isso. Ela também precisa ouvir conversar, ser admirada. Dependendo da idade, a nutrição afetiva da criança pode provir, em grande medida, da linguagem: um elogio, o reconhecimento de uma tarefa bem feita. (GASPARIM, 2012, p. 64).

Sendo a autoestima fruto das interações com as pessoas a sua volta, quando a criança possui um bloqueio de aprendizagem devido a acreditar que é incapaz, e isso é reafirmado diariamente por essas pessoas a sua volta, através de exposição como pais, professores e colegas, não resta outra opção a não ser “se render” à maioria e tomar isto como verdade absoluta, permitindo que acabe prejudicando toda a vida acadêmica, resultando até mesmo em evasão escolar. E isso acontece porque a autoestima está relacionada à autovalorização. Se o indivíduo não tiver uma autoestima positiva, sua autovalorização também será negativa, pois a autoestima:

[...] pertence à avaliação de autovalorização, que depende de como a cultura valoriza os atributos que um indivíduo possui e o quão bem seu comportamento alcança padrões pessoais de capacidade e de merecimento. (BANDURA, 1986 apud NEVES, 2002, p. 35).

E caso o indivíduo não alcance esses padrões considerados adequados se sentirá sem valor, alguém que não possui capacidade para ser melhor do que percebe que está sendo. Podemos dizer que as próprias regras da sociedade interferem na autoestima das pessoas, podendo esta mostrar-se negativa ou positiva.

Nota-se que a autoestima está mais vinculada a sentimentos de autovalorização e, portanto, os indivíduos só podem melhorar a autoestima quando alcançam bons resultados em domínios que valorizam. (NEVES, 2002, p. 36).

Alcançar esses bons resultados se torna um tanto difícil, nessa sociedade exigente e crítica em que vivemos, onde desde pequenos nos acostumamos a ouvir muitas críticas quando fazemos algo de errado, porém poucos ou nenhum elogio quando fazemos as coisas certas. E isso é ainda mais enfatizado na escola, que é um lugar onde os professores deveriam estar mais atentos às qualidades dos alunos, fazendo com que elas se sobressaíssem aos defeitos. Pois a escola é o principal lugar de socialização desde a infância até a adolescência do indivíduo. É aproveitando-se disso que um professor pode fazer a diferença na concepção que um aluno está construindo sobre si, buscando elevar sua autoestima, de maneira positiva; e, outras vezes acaba influenciando, infelizmente, de modo negativo. Franco também discorre sobre como acredita ser construída a valorização, a autoestima de cada indivíduo:

Desde o nascimento, o homem encontra-se cercado por atribuições de valores positivos e negativos; a autoestima é, então, vista enquanto uma valoração que o sujeito faz do que ele é, sendo construída nas relações que mantém com o mundo. Desta forma, a autoestima não é natural, dada ou inata ao homem. Ela é algo tênue, que surge das diferentes formas pelas quais significamos as situações vividas ao longo da vida, ou seja, se prevalecentemente de modo positivo ou negativo, ainda que as significações, em muitos casos, sejam contraditórias e nem sempre claras. (FRANCO, 2009, p. 326).

Portanto, o indivíduo não nasce com autoestima alta ou baixa, positiva ou negativa. Não se pode afirmar que uma pessoa é de tal maneira desde que nasceu. Claro que se seus familiares possuírem autoestima negativa e não procurarem elevar as características positivas dessa criança, a probabilidade de que se torne uma pessoa com baixa autoestima é maior. A autoestima não nasce com o indivíduo, ela se constrói no dia a dia, nas relações com as outras pessoas.

Assim, a autoestima, seja ela positiva ou negativa, não depende do indivíduo unicamente. Ela é influenciada pela relação com o outro. E isso ocorre desde o nascimento. Se a criança é elogiada quando faz coisas corretas, ou se é incentivada a acertar quando erra, sua autoestima poderá ser positiva. Mas caso não receba

elogios quando acerta e apenas críticas negativas quando erra, sua autoestima será negativa, o que causará também um autoconceito negativo, e a criança se sentirá incapaz e insegura, pois seu nível de autoconfiança foi afetado pela falta de autoestima de pessoas próximas.

Em princípio, a conduta da criança é controlada pela fala do adulto. Aos poucos, a criança vai internalizando estas instruções, reproduzindo-as para si mesma; pouco a pouco esta fala se enfraquece, converte-se num sussurro e acaba, afinal, em fala interna. (CAMARGO, 2005, p. 112).

A partir do momento que a criança internaliza o que é dito sobre si pelo adulto, é assim que vai se sentir, e agirá desta maneira conseqüentemente. Por isso a relação com os adultos desde seu nascimento é bastante crucial para a formação do seu autoconceito e autoestima. Se for uma relação afetiva positiva, baseada em elogios e incentivos, a criança vai se sentir mais segura de que pode conseguir e seu nível de autoestima será bem maior. Caso essa relação com o adulto, não a deixe segura, sentirá medo de tentar muitas coisas, pois se sentirá incapaz, achando que “não é boa o suficiente” para muitas atividades, tanto na vida pessoal, familiar, quanto em suas relações escolares.

Os filhos de pais ou responsáveis superprotetores provavelmente desenvolverão a baixa autoestima, serão tímidos e inseguros provavelmente serão pessoas ansiosas, submissas, com falta de iniciativa e passivas, resultante de uma educação possessiva e repressora

Felizmente chegamos à fase adulta com um conjunto de recursos psicológicos que nos capacita afetar o mundo e sermos afetados por ele, pois não somos seres separados, fazemos parte de uma totalidade. (LOOS; SANT'ANA; CEBULSKI, 2010, p.).

Com isso chegamos a essa fase trazendo formas de pensar e agir de acordo com o meio cultural a o qual fomos afetados desde a infância. Conservar o equilíbrio emocional depende também das relações que o indivíduo possui com outras pessoas. Guimarães (2004) também reafirma isso, quando diz que “existe uma crença entre os educadores de que as necessidades pessoais e emocionais dos alunos são supridas mediante as interações com a família ou outras que ocorrem fora da escola”. No dia a

dia, quando uma pessoa que gostamos nos trata mal, ao mesmo tempo em que não nos sentimos bem, não conseguimos tratá-la de forma diferente; a reação imediata é geralmente a de magoar essa pessoa também. Porém, isso alimenta um ciclo de interações desarmoniosas que fazem com que as pessoas se sintam mal amadas e incompreendidas. Conversar para entender o que se passa com o outro, superar os conflitos e descobrir como as emoções e sentimentos podem ser cultivados de maneira mais positiva nas interações é de grande importância.

Hooven, Gottman e Katz (1995), citados por Oatley e Jenkins (1998) entrevistaram pais quando seus filhos tinham cinco anos e voltaram a entrevistá-los quando estes completaram oito. O estudo constatou que os filhos de pais que explicavam o significado das emoções, nomeando o que eles sentiam, e como deveriam lidar com as mesmas, alcançavam desempenho superior na escola e possuíam menos problemas de comportamento. Oatley e Jenkins (1998) ressaltam que é importante conversar com as crianças inclusive sobre seus sentimentos, assim a criança pode conhecer o sentimento que o adulto demonstra naquele momento, descobrindo o que o provoca. As autoras mencionam que “falar sobre as emoções também estrutura a própria experiência interna da criança e deixa-a conhecer a experiência interna dos outros”. (1998, p. 240). Conhecer o sentimento pode ajudar a criança a se sentir segura com ela mesma e suas capacidades elevando assim sua autoestima.

4.2.2 Autoconceito e Autoimagem

Se “a autoestima engloba aqueles aspectos de autopercepção que se referem ao grau que alguém gosta (ou não gosta) dos conteúdos que percebe em si próprio. Possui um caráter essencialmente avaliativo e grande carga afetiva”, como explicou Loos (2003, p. 44), faz-se necessário que a pessoa perceba coisas em si mesma que não aprecia. Sentir-se rejeitada, entendendo que “não é boa o suficiente”, que não é capaz, nem merecedora de ser amada, é decorrência do que a uma pessoa pensa sobre si: isso é o chamado *autoconceito*. O resultante da imagem que a pessoa tem

de si mesma é a autoimagem. Se esta imagem é estimada ou não estimada é a autoestima (podendo ser alta ou baixa autoestima).

Podemos definir então o autoconceito como “aquilo que cada indivíduo sabe sobre si através da experiência, reflexão e feedback do meio social” (LOOS, 2003, p. 41), sendo que o autoconceito, quando negativo, pode comprometer sua autoestima e prejudicar sua vida em diversos aspectos, como nos ambientes sociais, no trabalho e nos romances, desencadeando sentimentos de frustração, incapacidade e ansiedade. O estudo realizado por Stevanato, Loureiro, Linhares e Marturano (2003) demonstra a conexão entre sentimentos negativos que as crianças possuem sobre si mesmas e dificuldades de aprendizagem:

[...] crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram autoconceito mais negativo não só quanto ao escore total, mas também nas categorias status intelectual, comportamento, ansiedade, popularidade e satisfação, caracterizando assim o impacto negativo do fracasso escolar sobre o autoconceito, principalmente sobre o autoconceito acadêmico. (STEVANATO; LOUREIRO; LINHARES; MARTURANO, 2003, p. 73).

Portanto, em grande parte “as dificuldades de aprendizagem quase sempre se apresentam associadas a problemas de outra natureza, principalmente comportamentais e emocionais”, problemas com o autoconceito e a autoestima (STEVANATO; LOUREIRO; LINHARES; MARTURANO, 2003, p. 67).

A autoestima negativa envolve sentimentos decorrentes deste autoconceito, pois de acordo com as experiências emocionais vivenciadas em relação a si mesma a pessoa terá o seu autoconceito bom ou ruim. A relação entre autoconceito e autoestima é assim explicada por Loos-Sant’Ana [no prelo]:

A *autoestima*, por sua vez, representa o quanto alguém aprecia as qualidades que percebe em si próprio e o quanto sente-se valorizado por possuí-las. É uma experiência subjetiva que reflete juízos de valor expressos nas atitudes que cada indivíduo apresenta, a estima que o “eu” sente por si mesmo. Assim, defendo que a autoestima é uma “consequência” do autoconceito e da autoconfiança, pois a estima que sentimos por nós mesmos está diretamente relacionada ao “como nos vemos” (autoconceito) e “o quanto podemos confiar em nós mesmos” (autoconfiança ou senso de competência). Por exemplo, quando uma pessoa não se enxerga como possuidora de qualidades desejáveis e se sente hesitante ou insegura em relação a suas próprias capacidades, tende a ter uma autoestima rebaixada ou diminuída. Desenvolver uma percepção positiva sobre as próprias qualidades e

capacidades é essencial para conseguir um bom nível de autoestima. (LOOS-SANT'ANA, no prelo).

Geralmente quem sempre foi estimulado, elogiado, desde sempre encorajado a enfrentar os problemas e a confiar em si próprio, formará seu autoconceito positivamente. No entanto, se ocorrer de a criança ser humilhada, ridicularizada quando fizer algo errado, e os adultos à sua volta, como pais e professores, falarem repetidamente que é incapaz, que “não consegue fazer nada direito”, ou coisas do gênero, certamente se tornará mais tarde uma pessoa com um autoconceito negativo, pois acreditará no que lhe foi passado desde sempre. Tais pessoas “tendem a ver a si mesmas como diferentes, atormentadas, experimentando sentimentos de inferioridade, insatisfação e identificando em si mesmas indicadores de dificuldades acadêmicas, sociais e familiares.” (STEVANATO; LOUREIRO; LINHARES; MARTURANO, 2003, p. 73).

4.2.3 Influências da Afetividade em Contextos de Aprendizagem

Podemos constatar que inúmeras são as influências da afetividade e, especificamente, da autoestima na aprendizagem. Assim como citado anteriormente, as emoções se misturam à racionalidade afetando todos os aspectos da vida – e com respeito à aprendizagem não seria diferente. Percebemos, com base em Camargo (2005) e assim como já demonstraram outros estudos, o rendimento nas atividades de aprendizagem está relacionado com o autoconceito; sendo assim, crianças e adolescentes que possuem autoconceito e autoestima positivos são os que se sobressaem na escola, independente do quociente intelectual.

Conforme Camargo (2005, p. 90), “No processo de desenvolvimento, a criança começa a aplicar a si mesma as formas de comportamento que outros empregam em relação a ela.” Muitas vezes a pessoa se torna adulta sem tomar consciência de suas capacidades reais, somente sabe sobre si o que os outros a atribuem ou esperam dela, não sendo conhecedora de suas próprias capacidades e vontades.

[...] um autoconceito negativo é bloqueador da atividade, por não conter as condições emocionais necessárias à sua realização. Para se mover mobilizar-se para a ação, o indivíduo precisa ter um autoconceito positivo em relação a esta atividade. (CAMARGO, 2005, p. 121).

A insegurança é a causadora desse comportamento, o que impede o autoconhecimento. Para Stevanato, Loureiro, Linhares e Marturano (2003), no entanto, as crianças consideradas por seus pais como tendo um bom desempenho escolar têm probabilidade de um futuro sucesso nas áreas acadêmicas, familiar e social.

A afetividade é importante em todas as fases da vida, inclusive na adolescência. É na adolescência que acontece um importante período de reorganização da personalidade, quando a pessoa se redescobre como uma pessoa diferente dos seus pais, e convivendo com colegas e professores irá buscar a sua própria individualidade.

Segundo Guimarães (2004), o ambiente escolar é um dos ambientes de influência social mais importante na vida das pessoas. Loos (2003) também comenta a respeito:

Entre as pesquisas que enfatizam a importância do contexto social do aluno e a importância dos referenciais que dão suporte aos indivíduos nos primeiros tempos de vida, algumas buscaram verificar a influência dos adultos, particularmente os pais, na vida escolar dos estudantes, que reagem às expectativas que são criadas em cima deles, principalmente por parte dos adultos que lhe são significativos. (LOOS, 2003, p. 34-35).

Independente do motivo causador dessa falta de percepção e entendimento das emoções do aluno, o fato é que essa falta pode prejudicar o desenvolvimento cognitivo em vários aspectos, o que nos leva a concordar quando May (1977 apud Loos, 2003) diz que paixão não pode ser separada do pensamento. Isso nos chama muita atenção, pois hoje trabalhamos na Educação Infantil, e desde que percebemos a importância de dar atenção às emoções nos preocupamos muito em não tratar as crianças apenas como se fizessem parte de um processo coletivo, em que o desenvolvimento delas tem processos iguais para todas. Nesse sentido, procuramos

valorizar a identidade de cada uma e entender seus comportamentos, o que dificilmente acontece na maioria das escolas. Como cita Camargo (2004), a partir dos estudantes entrevistados em seu trabalho, podemos definir que o vínculo afetivo com o professor é necessário para a aprendizagem, e alguns alunos esperam, no contexto de uma boa relação com o professor, que ele também seja amigo e que compreenda seus problemas.

4.3 RELAÇÃO PROFESSOR- ALUNO BASEADA NA AFETIVIDADE

O professor tem um papel fundamental diante dos déficits afetivos do aluno, podendo ajudar de inúmeras formas e não somente incentivando seus alunos para a aprendizagem de conteúdos. Construindo um vínculo afetivo com os alunos ele terá sensibilidade para descobrir e até mesmo ajudar nas dificuldades de aprendizagem. Se, por exemplo, for baixa autoestima a problemática vivenciada pelo aluno, poderá ajudar encorajando-o, elogiando seus pontos positivos, pois através do elogio e do encorajamento é possível transformar o comportamento, contribuindo para elevar sua autoestima. O estudante tenderá a se sentir mais confiante e motivado, vencendo assim seus obstáculos particulares e desempenhando tarefas cada vez mais complexas.

Porém, segundo Guimarães (2004, p.180), o que se observa é que “a principal preocupação da escola é com o domínio de conteúdo e com o rendimento dos alunos”, esquecendo que o aluno também tem um lado afetivo, que pode interferir sim em sua aprendizagem e que não há como tratar os dois aspectos separadamente. Como mencionado anteriormente no texto, as emoções e a cognição estão entrelaçadas em todas as pessoas.

Para Camargo (2005), ainda existe o pensamento, em alguns professores, de que emoção e razão são independentes, sendo as emoções um obstáculo para a aprendizagem e que o contato afetivo não faz parte do seu papel. É através da afetividade que aprendemos, pois se as coisas do ambiente não nos afetam de uma forma positiva, não se torna necessário e motivador para a nossa vida atingirmos a tão esperada aprendizagem escolar.

O fato de ter uma turma toda em silêncio, olhando para o professor, não significa ser uma turma que realmente esteja aprendendo. O aluno aprende muito mais quando o professor permite que ele participe. E o costume de participar das aulas deve vir desde a infância, de maneira que quando adolescente esse aluno sinta-se à vontade e seguro para expor suas ideias. Essas ideias expostas pelo aluno devem ser bem recebidas pelo professor, estejam elas certas ou erradas, pois se o professor as receber de maneira a ridicularizar o aluno, este com certeza se sentirá inseguro, manifestando sentimentos de incompetência e hesitará em participar outras vezes. E quando existe essa troca de conhecimento entre aluno e professor, as chances de um nível maior de aprendizagem são melhores.

Assim como afirma Camargo (2005), o ambiente escolar, mais precisamente a sala de aula, é cheia de emoções intensas provenientes das relações com os colegas e professores, e tais relações podem ser saudáveis ou não. Se existir afeto as coisas tendem a se encaminhar melhor, pelo menos em algumas das relações citadas. Mas se acontecer o contrário e o aluno se sentir rejeitado, não aceito pelo grupo, pode, portanto, interferir diretamente na aprendizagem à medida que esse aluno constroi uma imagem negativa de si e tende a se desvalorizar, não acreditando em sua capacidade cognitiva. “Dessa forma, as emoções e sentimentos negativos estabelecem obstáculos às operações intelectuais e interferem na atividade de atenção necessária para acompanhar as aulas.” (CAMARGO, 2005, p. 51).

A referida autora descreve ainda que a motivação é em grande parte adquirida no ser humano (CAMARGO, 2005), por isso a importância de o professor mediador, com o foco em uma educação mediada pelo afeto, é o que os professores e educadores devem estar cientes, ou seja, acerca de seu papel de provocar boas experiências, consolidando relações positivas entre alunos, professores e colegas, relações de afeto, respeito e empatia. É a partir dos vínculos afetivos que desenvolvemos a capacidade de nos relacionarmos com os outros e com o meio em que estamos inseridos. Gasparim (2012) descreve a importância do ambiente escolar nesse sentido:

O clima afetivo que se cria na classe é outro ponto a ser destacado nessa interlocução entre alunos e professor. Um ambiente acolhedor, que contempla a inclusão da diversidade, ouve e compreende as manifestações

emocionais, dá oportunidade de diálogo, oportunizando que a criança reconheça no adulto um parceiro, alguém realmente interessado no seu bem estar. Esse vínculo de confiança torna a mediação mais eficaz. (GASPARIM, 2012, p.62).

De acordo com a pesquisa realizada por Camargo (2005), quando os estudantes gostam do professor, conseqüentemente gostam da disciplina e se saem bem nela. E a partir desse gostar, criam um vínculo com o professor e com os conteúdos, sentindo-se bem e, com isso, aprendendo muito mais. E quando o contrário acontece, ou seja, quando não gostam de um determinado professor, mesmo que no ano anterior gostassem da disciplina e apresentasse um nível bom de aprendizagem, o fato de não gostar do atual professor pode interferir na atual aprendizagem, deixando-a em um nível baixo e uma disciplina desgostosa para os alunos, consideradas como professor “chato” e disciplina “chata”. E para comprovar esses dados, não precisamos nos prender somente à pesquisa de Camargo, nem precisamos ir longe; basta observar nossos próprios comportamentos como acadêmicos.

No geral, é claro que embora sejamos diferentes em diferentes situações e com pessoas diferentes, há para a maioria de nós uma continuidade na nossa personalidade. Grande parte desta continuidade envolve a nossa relação com os outros. [...] provavelmente a melhor forma de pensar acerca das diferenças individuais na emotividade é a de que as pessoas formam esquemas emotivos, baseados em parte na experiência, em parte no temperamento, nos quais as propensões para estilos particulares de respostas emocionais nas relações são baseadas. (OATLEY; JENKINS, 1996-1998, p. 260).

Mesmo na fase adulta ainda nos deixamos levar pelo fato de gostar ou não de um determinado professor. Quando gostamos do professor, como consequência gostamos também da disciplina, e assim nos dedicamos mais, participando mais das aulas. O que tende a melhorar nosso nível de aprendizagem, ou ao contrário, caso nosso sentimento em relação ao professor seja negativo.

O professor, portanto, deve ter consigo uma sensibilidade de perceber o que está acontecendo de fato com o aluno que apresenta “problemas”. Como por exemplo, dificuldades de aprendizagem, indisciplina, enfim; muitas vezes o fator causador pode

ser a insegurança do aluno, decorrente de um autoconceito negativo e de uma autoestima depreciativa.

É adequado reiterar que emoções e sentimentos como apatia, inação, irritabilidade ou pânico- decorrentes da antecipação do fracasso que, às vezes, associa-se a uma baixa autoestima. (CAMARGO, 2005, p. 133),

A criança insegura pensa não conseguir aprender, que não faz nada direito mesmo, e esses conceitos sobre si são internalizados tornando-se uma verdade para ela, não conseguindo progredir em seus estudos.

4.3.1 Relação Professor Aluno: Expectativas Dos Alunos

Para Loos-Sant'Ana e Gasparim (2013), a qualidade das interações na sala de aula influenciará no desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e motores. Se o relacionamento com colegas e professores for de qualidade e acolhedor e não um ambiente hostil e amedrontador, o aluno que enfrenta dificuldades de aprendizagem de fundo psicológico, como insegurança e baixa autoestima, poderá superar estes obstáculos, indo além das expectativas comumente atribuídas a ele.

A escola tem grande influência diretamente na autoestima do aluno, pois é um dos lugares que ele mais frequenta e tem maior convívio social. “A aprendizagem é somente um entre os diversos eventos que se sucedem na escola.” (GOODENOW; STRENGTHENING, 1992). Para crianças e adolescentes a escola é tratada como uma “segunda casa”, porque depois da casa dos pais é o lugar que estão todos os dias e, muitas vezes, até mesmo passam mais tempo na mesma do que em suas próprias casas. Por isso, no ambiente escolar acontecem inúmeros eventos os quais estão mergulhados em emoções, como a necessidade de pertencer, de pertencer a algum lugar, a um grupo e ser aceito por ele. Isso nos remete a Guimarães (2004), quando menciona que “a necessidade de pertencer é apontada como essencial para o desenvolvimento saudável de todos os indivíduos.”.

Definitivamente é necessário pôr um fim à “velha concepção ideológica de que a criança “bem-educada” é aquela que sufoca suas emoções. É triste constatar que

ensinar crianças e adolescentes a se “comportarem” é quase o mesmo que ensiná-las a reprimir suas emoções, o que tem sido uma das “grandes tarefas” dos professores (CAMARGO, 2005, p. 22).

A fala dos alunos sobre suas vivências é uma denúncia de que a aprendizagem está envolvida por uma trama de emoções e sentimentos, na maioria das vezes reprimida ou negada pela escola. (CAMARGO, 2005, p. 176).

A escola não tem de ser algo desagradável, com regras rígidas e interações mal geridas. A escola, ou seja, o sistema de ensino ideal que buscamos, deve ser onde todos devam ter sua voz ativa trocando experiências, onde não é somente o professor que ensina, mas que também aprende com os alunos e vice-versa. Pois são pessoas que trocam experiências de vida e não somente conteúdos. Somente é possível aprender quando existe respeito entre ambas as partes e, principalmente, vínculos afetivos de qualidade.

A influência do professor sobre seu aluno é válida para qualquer nível de ensino, incluindo a Educação Infantil. As crianças sentem quando o professor de alguma maneira se sente inseguro em relação ao seu comportamento. Mesmo porque, inconscientemente, o professor age diferentemente com essa criança em determinadas situações comparativamente a outras. Se for uma criança a qual chamou atenção do professor por seu comportamento considerado inadequado, tão logo o professor deixa transparecer que esse comportamento o preocupa, provavelmente essa criança tende a agir dessa forma. Mas quando o professor passa confiança e segurança, aos poucos deixa a criança também mais confiante e segura, e com tendência a adequar seu comportamento para agradar o professor e sentir-se melhor.

Acontece também, por vezes, do professor ter sua “criança preferida”. Se ele deixa transparecer isso, com certeza essa criança se sentirá muito motivada a vir para a escola. Mas caso outras percebam, a tendência é a de acabar gerando sentimentos de ciúmes e até mesmo de baixa autoestima por parte destas, por sentirem-se menos amadas pelo professor. Por isso, é muito importante o professor tomar cuidado na

relação que possui com seus alunos, bem como na expectativa que cria sobre cada um deles, indiferente do nível de ensino em que atua.

A visão que um professor tem sobre seu aluno pode influenciar muito em seus resultados. Como já abordamos, o comportamento de um mesmo aluno pode variar de acordo com o professor que entra em sala.

Considerando que as capacidades cognitivas e comportamentais são, em grande parte, adquiridas, e, conseqüentemente suscetíveis a modificações, é possível supor que o professor pode exercer influências de diferentes naturezas sobre o aluno. Esta afirmação não deve ser entendida de maneira definitiva, pois não significa que o professor determine o desempenho e as crenças dos alunos, mas sim que possui capacidade potencial de influenciá-los. (NEVES, 2002, p. 4).

E nessa sociedade moderna, dinâmica, onde tudo se transforma o tempo todo, com a facilidade de informação e tecnologias disponíveis, o ensino escolar não vem acompanhando tais mudanças; o sistema parece estar totalmente ultrapassado. Com isso, os alunos tendem a se sentir desmotivados, pois ir para a escola e passar no mínimo quatro horas do seu dia sentados ouvindo o professor “despejar” conteúdos se torna pouco interessante e atrativo. O que pode vir a levar o professor a rotular uma turma como bagunceira, e até mesmo não gostar de ministrar sua aula a essa turma, entrando em sala já mostrando em seu rosto um ar fatídico, de que vai ser “um dia complicado”. Observamos que agindo assim, de modo a “obrigar” que os alunos prestem atenção, impondo sua hierarquia, pois se sente o detentor do poder e da ordem dentro de sala, onde todos devem ficar quietos e ouvir o que ele tem a ensinar, o resultado desse tipo de postura possui mínimas chances de ser positivo.

Esse professor, normalmente, tem dificuldades de se colocar no lugar do aluno, mas o aluno sente-se intimidado e forçado a fazer algo de uma maneira que considera, no mínimo, “chata” e cansativa. Ele pode até ficar em silêncio, mas o professor vai falar e falar e nada o aluno vai absorver, gerando assim um nível baixo de aprendizagem. Mas, caso o professor procure descobrir o porquê do considerado “mau comportamento” da turma, e busque outras maneiras de interagir, tanto com a turma toda, quanto com um único aluno, ele até mesmo poderá encontrar a causa do problema. E, ao tentar resolver, provavelmente passará a ter uma boa relação com

esse aluno ou com essa turma, transformando assim o clima que pode se tornar positivo e produtivo para ambas as partes. Assim, a turma sentiria vontade de assistir àquela aula, e, com isso, teria muito mais concentração, permitindo assim que o professor conseguisse ministrar sua aula de uma maneira tranquila.

Para motivar o aluno é necessário despertar um mínimo de interesse, pois o desinteresse gera apatia, aversão à atividade, fuga, inadaptação e falta de atenção. É importante frisar que as motivações dependem das relações de vida destes alunos, da sua realidade pessoal e social. (CAMARGO, 2005, p. 124).

O professor tem o papel e o desafio de despertar essa motivação em seus alunos. Porém isso se torna complicado, pois, como já sabemos, o ensino ainda é muito tradicional e, conseqüentemente, não atrativo para os alunos. A escola comum ainda tem um método desatualizado e fragmentado de ensinar, o qual não acompanha a evolução do mundo, parecendo estar “estagnada no tempo”.

Para isso, é preciso disseminar outra concepção de Educação, que deixe de exigir que os alunos permaneçam sentados na sala de aula, escutando um professor que é o único detentor do saber; esta concepção entende que os alunos são cabecinhas vazias que o professor vai preencher. Está na hora de pensar em uma proposta pedagógica na qual o aluno é o ator, protagonista da sua educação, o agente da sua aprendizagem. (CAMARGO, 2004, p.186-187).

O aluno aprende que deve respeitar o professor, mas quando por algum motivo não gosta dele, sua reação fica visível em seu comportamento e em sua aprendizagem, que dificilmente será boa. O aluno passa a maior parte do dia na escola, e se não conseguir construir um vínculo com as pessoas que ali estão sua primeira reação será a de querer se afastar deste local e das pessoas que o frequentam. Quando o aluno encontra no professor o que ele busca, muitas vezes simplesmente alguém que minimamente o compreenda, ele vai se esforçar para ser um bom aluno e sua aprendizagem terá bons resultados – o que não impede que ele crie um vínculo com o professor ao ficar feliz por estar aprendendo. Da mesma maneira, pode surgir certa afeição de um professor por seu aluno quando ele percebe que tem em sala um aluno que se esforça, que está aprendendo e gosta de sua aula.

Alguns alunos esperam encontrar mais do que um professor, um amigo, uma referência materna ou paterna que talvez desconhecem; enfim, alguém que possa compreendê-los, perceber o momento difícil que estão passando, que se disponha a “passar a mão na cabeça”, ouvi-los e dizer que “tudo vai ficar bem”. Mas isso dificilmente acontece, como afirmamos no início. Talvez a correria, ou até mesmo a falta de interesse dos professores, impeça que esses momentos aconteçam, fazendo com que todos os alunos sejam vistos somente de maneira coletiva, como se todos tivessem as mesmas emoções e deveriam ter os mesmos comportamentos. Camargo (2004) sugere uma nova proposta pedagógica deva ser construída, para que seja possível perceber o aluno como sujeito concreto, não individualizando exageradamente, mas percebendo a sua emoção, valorizando-a sem perder o controle do conjunto de alunos.

4.3.2 Relação Professor-Aluno: Expectativas dos Professores

Mischel (1968), citado por Oatley e Jenkins (1998), defende que a personalidade não depende apenas de disposições internas, pois “num tipo de situação uma pessoa pode comportar-se de uma maneira, numa situação diferente ter-se-ia comportado de outra maneira.” (p. 257). Isso explica o caso de quando vários professores entram em uma mesma turma, por exemplo, e a cada professor a turma se comporta de uma maneira, podendo ser uma turma agradável aos olhos de um professor, e de outro não. O comportamento dessa turma vai variar de acordo com o vínculo afetivo que possui com cada professor, e não somente seu comportamento, como também seu nível de aprendizagem.

Assim como os alunos em seus primeiros dias de aula, os professores também criam expectativas em relação aos seus alunos. Uma pesquisa realizada em numa escola pública do Estado de São Paulo demonstrou, segundo Britto e Lomônaco (1980, p. 59), que “as expectativas que elas [as professoras] formam em relação a seus alunos, a partir de estereótipos, logo nos primeiros dias de aula, afetam seu julgamento a respeito do rendimento escolar dos mesmos.” Ou seja, o professor tende a rotular seus alunos de acordo com os primeiros dias de aula, tendendo a considerar

a turma como um todo. Por exemplo, pode ser que seja uma turma tranquila de se trabalhar, mas caso haja um comportamento considerado inadequado pelo professor logo nos primeiros dias, este pode rotular aquele grupo como uma “turma difícil”, bagunceira, e inconscientemente esse conceito (que pode estar errado) leva-o a mudar a postura diante do grupo de acordo com as expectativas que se formam a partir do conceito atribuído a ele, podendo assim reagir de maneira a “comprovar” esse conceito que o professor fez deles inicialmente. As expectativas criadas por um professor diante de um aluno, ou de uma turma, podem ajudar ou prejudicar o desenvolvimento da aprendizagem de um ou de muitos alunos.

Britto e Lomônaco citam que:

Um trabalho pioneiro a esse respeito foi realizado por Rosenthal e Jacobson em 1968. O objetivo dos autores era testar a hipótese de que, em situação escolar, aquelas crianças das quais os professores esperam um maior crescimento intelectual, realmente mostram tal progresso. (BRITTO; LOMÔNACO, 1983, p. 60).

E quando o professor tem uma expectativa negativa, o aluno tende a apresentar um resultado negativo. Pois, certamente, faltará motivação por parte do professor para com esse aluno e aquela turma. Os autores citam que não se pode generalizar, mas é importante “ficar de olhos abertos”. É notável quando um professor cria expectativas sobre um determinado aluno, pois com frequência o elogia, e o chama para realizar atividades no quadro, ou mesmo mostrar aos seus colegas a resolução de um problema proposto à turma. Esse tipo de atitude pode gerar nos demais alunos certa insatisfação e desmotivação, refletindo de maneira negativa em seu nível de aprendizagem.

O reflexo no aluno elogiado visto provavelmente como um ótimo aluno pelo professor, pode ser muito positivo, fazendo com que se sinta motivado e se esforce ainda mais para continuar sendo o “melhor aluno”, tendo conseqüentemente um nível positivo de aprendizagem. Esse reflexo tem sido alvo de diversas pesquisas e estudos sobre a influência que a expectativa do professor pode causar no aluno:

Devido à difusão dos resultados destes e de outros estudos, atualmente tem sido veiculada a ideia de que aspectos como as percepções e expectativas que o professor tem em relação aos alunos podem determinar a qualidade de suas interações durante o processo de ensino-aprendizagem. Um exemplo disto aparece na pesquisa realizada por Brophy e Good (1970) mostrando que os professores interagem diferentemente com os alunos, de acordo com suas expectativas em relação ao desempenho dos mesmos. Provavelmente a qualidade destas interações resultará em consequências que podem ser relevantes ou não para o aluno. (NEVES, 2002, p. 5).

Caso essas consequências sejam relevantes ao aluno, elas podem perdurar ao longo da vida acadêmica e até mesmo fora dela de maneira positiva ou negativa, o que vai depender de como foi essa interação entre professor e aluno. Se acaso foi um aluno muito elogiado, provavelmente se sentirá seguro e motivado a melhorar ainda mais. Caso tenha sido o contrário, sua insegurança, acompanhada de baixa autoestima poderá atrapalhar de maneira negativa sua aprendizagem. Pois terá medo de errar, e por isso poderá nem se esforçar para ser melhor.

É mais fácil que o estudante aceite o fracasso quando a tarefa é percebida como tendo um grau de dificuldade, do que quando a mesma for considerada fácil e ele, assim mesmo, não obtiver sucesso. A tendência ao surgimento de raiva e de sentimentos de culpa ou vergonha cresce consideravelmente sob estas condições. (LOOS, 2003, p. 24).

Nesse sentido, o professor também pode afetar a autoestima de seus alunos, de acordo com as expectativas que cria em relação a eles. Britto e Lomônaco (1980) realizaram um estudo em uma escola do interior de São Paulo, com o intuito de verificar as influências que as expectativas dos professores causam em seus alunos. O resultado que obtiveram foi que o grupo de alunos para os quais os professores tinham uma expectativa positiva realmente se saíram melhores nas resoluções de atividades do que o grupo de alunos, que os professores tinham uma expectativa negativa. O que acontece, é que quando o professor considera um aluno como bom, ele cria expectativas positivas que são transmitidas não só a este aluno, mas para a turma toda, de várias maneiras, principalmente através de elogios, o que vai fazer com que o aluno, sintam-se motivado e eleve sua autoestima, acreditando que é capaz e apresentando um resultado positivo. Por outro lado, se o professor apresenta expectativas negativas em relação a um aluno, e de alguma maneira transmite isso a

ele, seja reprovando alguma ação, ou até mesmo por não dizer nada, não destacando as qualidades desse aluno, este vai criar uma autoimagem negativa de si e a falta de motivação poderá fazer com que não se esforce para ser melhor.

O setor da educação é receptor de pouco incentivo do governo na questão de recursos, principalmente financeiros: poucos investimentos em estruturas escolares, salários, formação e valorização dos professores. Com isso, os docentes se sentem desestimulados a seguir em frente; porém, o professor que é apaixonado por sua profissão não irá “cruzar os braços” frente a essas dificuldades e tentará fazer sua parte, como buscar novas formas de estimular os alunos ao aprendizado de forma satisfatória, atingindo o objetivo do aprendizado para alunos e professores.

É preciso que o professor tome cuidado para que suas expectativas em relação aos objetivos de aprendizagem não prejudiquem os alunos, nenhum aluno. O aluno pode perceber quando o professor não possui expectativas positivas em relação ao seu desempenho, e quando isso ocorre sua reação tende a ser negativa, pois sua autoestima foi afetada, e, desta maneira, poderá agir de acordo com que a expectativa negativa do professor seja comprovada, o que é denominado “profecia auto-cumpridora”. Infelizmente, este é um acontecimento bastante comum no contexto escolar.

5 O ESTUDO DE CAMPO: METODOLOGIA E RESULTADOS

Levando em conta as especificidades do estudo aqui realizado, o método utilizado para o alcance dos objetivos do presente trabalho foi o qualitativo. Através da pesquisa de caráter exploratório, foi possível identificar variáveis importantes para o desenvolvimento do tema título do presente trabalho de conclusão de curso.

Este capítulo apresenta uma pesquisa de campo realizada com seis profissionais, professoras e auxiliares de professoras, atuantes em uma escola de Educação Infantil, na rede particular de ensino da cidade de Curitiba (Estado do Paraná). A referida escola atende a crianças a partir dos quatro meses até os cinco anos de idade. O motivo de escolha da escola foi a conveniência de trabalharmos na mesma, além de que a escola apresenta uma proposta pedagógica que vem ao encontro do que acreditamos.

Os métodos de coleta de dados na fase da pesquisa foram de observação e entrevistas realizadas por meio de roteiros semiestruturados, compostos de dez questões referente às práticas das professoras entrevistadas como profissionais da Educação Infantil. Como forma de garantir o anonimato das seis entrevistadas utilizaremos as siglas E1 para nos referir à primeira entrevistada, E2 para a segunda, e assim sucessivamente.

Um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi elaborado para a presente pesquisa, o qual foi assinado pelas pessoas entrevistadas, concordando com a gravação da entrevista em áudio e o uso dos dados para fins científicos, desde que não fossem divulgados seus nomes. O TCLE e o roteiro de entrevistas utilizados são apresentados, respectivamente, nos Anexos 1 e 2.

O grupo de entrevistadas foi selecionado, abrangendo professoras com formação em Pedagogia, auxiliares de professoras em início de formação e profissionais com formação em Magistério, sendo estas de diferentes níveis da Educação Infantil. Buscou-se, assim, identificar o que vem de encontro ou não, em relação à temática de estudo.

Inicialmente foi apresentada aos entrevistados uma resenha do estudo em questão, de forma a situar e estimular os entrevistados ao cenário da pesquisa, gerando discussões e sugestões para este trabalho.

Para a análise dos dados obtidos através das entrevistas, as questões foram divididas em três blocos, sendo que o primeiro bloco trata sobre os aspectos de importância na educação infantil envolvendo a relação professor aluno, o segundo é referente à afetividade e o terceiro bloco trata sobre a autoestima.

As respostas das entrevistadas foram espontâneas, em momento algum mencionamos conceitos sobre os temas tratados. As primeiras questões foram apenas de cunho informativo e com a finalidade de criar uma receptividade ao trabalho e serão utilizadas posteriormente, quando realizada uma comparação quanto ao profissional formado em nível superior e o não formado.

Cada bloco traz de duas a três questões-chaves, o que permite que as respostas obtidas sejam transformadas em resultados analisáveis. Com estes resultados é possível apontar, entre outros, indicadores da importância da afetividade e da autoestima na relação com os alunos, percepção das profissionais sobre os temas apresentados, bem como a aplicação prática das mesmas para essas professoras de Educação Infantil.

5.1 1º BLOCO- ASPECTOS DE IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

O primeiro bloco trata da importância da relação professor/aluno na Educação Infantil e tem como premissas os seguintes questionamentos:

O que você considera importante para atuar como professor na educação infantil?

Como vê sua relação com as crianças?

O item mais recorrente nas entrevistas como sendo o principal para o trabalho na educação infantil é a *paciência*, seguido de *gostar de crianças* e da profissão, sendo que algumas também mencionaram que *“a pessoa tem de nascer com um dom especial”*. As entrevistadas descrevem que possuem uma boa relação de muito *carinho* com as crianças e acreditam que primeiramente *“deve-se gostar do que faz.”*

[...]a formação é importante, porém, o gostar e se dedicar ao o que faz também é essencial, a criança sente quando você gosta de estar junto dela, porque criança tem uma antena que percebe o adulto que está ali porque gosta de estar ali, e o adulto que não está tão feliz com a profissão que escolheu (E3).

E4 mencionou a *afetividade* como o essencial, acredita ser difícil trabalhar com crianças se as mesmas não gostarem de você, sendo uma relação de *troca*, onde o adulto e criança aprendem juntos.

A *sensibilidade* foi também ressaltada, o que nos traz uma relação direta com a afetividade, porque se o professor é sensível ao ponto de perceber o outro como ser individual com suas necessidades próprias, tende a ser afetivo com ele e a se afetar, ser receptivo, com essa pessoa.

[...] deve-se ter sensibilidade para entender e levar em consideração a história de vida daquela criança antes de chegar na escola, assim é possível acolher quando necessita, exigir coisas dela quando necessário e qual a melhor forma de fazer. Na educação infantil conseguimos muito mais coisas se olhar para a criança de maneira individual (E5).

Percebe-se muito carinho quando E6 fala de seus alunos, resalta gostar de estar junto deles, que brinca bastante e gosta de agradá-los, e assim acaba resultando, além de uma relação de afeto de ambas as partes, como percebemos uma aprendizagem natural.

O amor pela profissão é o principal requisito para atuar na educação infantil, caso contrário não se permanece durante muito tempo, devido a não se sentir satisfeito, também não se consegue ser um bom profissional.(E6)

Porém, ao mesmo tempo, E6 confia que querendo bem seus alunos “demais” sente dificuldades na hora de estabelecer os limites necessários para auxiliar em seu desenvolvimento, os quais devem ser passados às crianças. Porém, como já mencionamos anteriormente no marco teórico, as crianças não deixarão de ter afeto por isso, desde que os limites colocados sejam feitos com carinho.

5.2 2º BLOCO- AFETIVIDADE

O segundo bloco da pesquisa de campo explora sobre a *afetividade*, sua importância e aplicação na Educação Infantil. Para isso foram utilizadas as seguintes perguntas base:

O que você entende por afetividade?

Considera a afetividade importante na educação infantil?

O que é ser “afetivo” na interação com as crianças?

Quando perguntamos o que significava a afetividade para a E1, assim como outras entrevistadas, hesitou em responder, depois percebe-se que relaciona o *afeto* especialmente ao *cuidado*, a *ajudar* em suas *necessidades básicas*, a tratar bem o outro. Percebendo que existe um conceito equivocado de afetividade por parte de profissionais da educação infantil, pois conforme citamos anteriormente, a afetividade vai além do cuidar, é tudo o que afeta o ser humano, juntamente com a importância que o mesmo concede a isso.

No entanto quando perguntamos a E6 sobre o que é afetividade, a resposta obtida foi que *“É fundamental. Acho que sem a afetividade não ocorre um trabalho adequado, vira só o cuidar pelo cuidar, o dar brinquedo por dar brinquedo.”* As entrevistadas de modo geral sabiam responder teoricamente essa pergunta, acredita-se ser devido à formação, pois percebemos respostas mais fundamentadas e com reflexões mais profundas em professoras com maior formação e experiência.

Conforme relatado, o discurso da maioria das entrevistadas nos diz que a criança precisa de tempo, dedicação, que o professor precisa prestar atenção na mesma como ser único.

Ser afetivo não é só na questão de abraçar, de beijar. É ser afetivo em todos os momentos, na hora de explicar, por exemplo, se não entendeu de um jeito, tentar explicar de outro. (E5).

Entendemos que o significado abrangente de afetividade é observar o aluno e aprender com ele, não ser alheio aos acontecimentos relacionados à esta criança.

Para E4, o que vem primeiro a sua mente quando se fala em afetividade, “é o abraço, o colo, o contato físico, mas eu acho que vai muito, além disso. Acho que vai do olhar, do pensamento.”

O trabalho com afeto e vínculo na relação professor aluno é fundamental, portanto comparando as respostas percebemos que a grande maioria acredita que sem afetividade não tem trabalho com as crianças pequenas, se tornando difícil conseguir um resultado satisfatório.

Outras palavras que aparecem frequentemente são *carinho* e *confiança*, o que deve existir na relação entre aluno e professor baseada no afeto, na opinião das entrevistadas.

Com as palavras da E5, consegue-se definir de forma resumida a afetividade, segundo ela: “*está em tudo, no jeito de falar, no jeito de olhar, no jeito de receber. É no jeito de chamar atenção de uma criança também, de colocar limite.*” Porque colocar limites também é uma forma afetiva de ver a criança, já que ela precisa disso para seu amadurecimento pessoal.

Conforme E3, “*O bebê é afetivo porque ele afeta o ambiente que está, para que suas necessidades sejam atendidas.*” Como explicado anteriormente, é devido ao afeto que o bebê desperta nas pessoas que ele será cuidado por alguém, sendo esse alguém geralmente a mãe. Não fosse esse afeto despertado no outro, não sobreviveríamos sozinhos, devido a nossa fragilidade.

5.3 3º BLOCO- AUTOESTIMA

O terceiro e último bloco da entrevista tem como tema a *autoestima*, levantando questões como o conceito da autoestima e as possíveis influências do professor na autoestima do aluno.

Os questionamentos aplicados referentes aos assuntos foram:

O que é autoestima, para você?

Como o professor da educação infantil pode afetar a autoestima das crianças?

Conforme foi citado anteriormente no texto, autoestima pode ser definida como:

Um conjunto de sentimentos e pensamentos do indivíduo sobre seu próprio valor, competência e adequação, que reflete uma atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo. Coopersmith também ressalta seu aspecto valorativo (atribuição de autovalor), influenciando a forma como cada indivíduo elege suas metas, aceita a si mesmo, valoriza o outro e projeta expectativas para o futuro. A autoestima, assim, expressa uma atitude de aprovação ou desaprovação em relação a si mesmo, indicando o grau em que se considera capaz, importante e valioso. Tais referências que uma pessoa constroi sobre si são baseadas fortemente na maneira como são tratadas por pessoas significativas, especialmente pais, professores e amigos. (LOOS, 2010, p. 44).

Com base neste conceito de autoestima, faremos a análise das respostas obtidas. Durante a entrevista, as professoras responderam seus próprios conceitos de autoestima e depois sobre a influência dos professores em relação à autoestima das crianças. De acordo com as respostas, autoestima para elas é *motivação, sentir-se bem consigo mesma, valorizar-se e autoestimar-se*. De acordo com E6, “a autoestima é construída ao longo da vida, principalmente na infância e na adolescência”. Também relata se sentir uma pessoa com baixa autoestima e se sentir “pessoalmente prejudicada”. Segundo E6, “depois da pessoa já ter uma autoestima baixa, fica bem mais difícil superar os problemas”. O discurso da entrevistada sugere que devido a encontrar desafios durante a vida e por não ter suficiente autoconfiança em si mesma,

ou seja, por não se considerar uma pessoa capaz, ela tem maior dificuldade em persistir, sendo que sua a chance de desistir dos projetos é maior.

A partir dos conceitos das entrevistadas sobre o assunto, foi possível perceber que todas acreditam que o *“professor pode sim influenciar na autoestima da criança, através de seus comentários”*. Devido às crianças estarem formando suas personalidades no período da Educação Infantil, o que ouvem não só nessa fase pode tomar uma importância muito grande, influenciando positivamente ou negativamente sua construção. As professoras citaram que quando o professor rotula seus alunos colocando apelidos ou mesmo falando que eles são “bagunceiros”, “chorões” ou coisas do gênero, isso poderá fazer com que esses alunos acreditem nisso, sintam-se diminuídos e acabem agindo de tal forma a desencadear em si uma autoestima negativa, gerando problemas que podem persistir até a vida adulta, como a falta de iniciativa e a insegurança, os quais são responsáveis pela pessoa se sentir incapacitada frente aos desafios cotidianos. Dentro desta questão citamos novamente Camargo, quando diz que

À princípio, a conduta da criança é controlada pela fala do adulto. Aos poucos, a criança vai internalizando estas instruções, reproduzindo-as para si mesma; pouco a pouco esta fala se enfraquece, converte-se num sussurro e acaba, afinal, em fala interna. (CAMARGO, 2005, p. 112).

Embora Camargo esteja se referindo à apropriação da linguagem, observa-se que o mesmo processo acontece na construção das crenças de autorreferência (autoconceito, autoestima e autoconfiança), pois a criança vai internalizando os conceitos que são emitidos a respeito dela. Por isso, especialmente na educação infantil, é fundamental que os professores prestem atenção aos rótulos que atribuem aos seus alunos, bem como às expectativas que criam em relação a eles. Assim como os pais, o professor tem grande importância para a criança pequena, sendo que o que fala ou até mesmo o que deixa de falar, possui grande relevância para ela.

A importância da educação infantil também foi destacada, pois conforme E5, *“a educação infantil é como a fundação da casa, se ela não é boa prejudica todo o resto da casa, causa rachaduras por todos os lados.”* Para ela o professor, geralmente, não tem consciência do quanto pode afetar positivamente a autoestima de uma

criança quando diz: “*Nossa, que desenho lindo que você fez, eu sabia que você era capaz!*” Como também pode afetar negativamente dizendo: “*Nossa! Esse é o seu desenho...*”. Essa criança pode interpretar que o seu desenho está ruim e se sentir incapaz de fazer com sucesso esse tipo de atividade.

[...] o trabalho na educação infantil é em longo prazo, fazer hoje para colher os frutos daqui a alguns anos e dependendo da postura do professor poderá se refletir muito em seus futuros.(E5).

Um professor que valoriza a autoestima dos seus alunos, ressaltando suas qualidades e incentivando quando encontram dificuldades, contribuirá positivamente em sua formação. O que repercutirá favoravelmente na sua vida adulta, ajudará a criança a tornar-se uma pessoa segura consigo mesma, e isso se estenderá para as relações futuras e em seus desafios do cotidiano.

5.4 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR FRENTE OS RESULTADOS APRESENTADOS

Analisando os dados da pesquisa realizada em campo, podemos verificar a importância do avanço na formação de nível superior, ou seja, o fato de possuir curso de graduação para a Educação Infantil. Quando confrontamos as respostas das entrevistadas, constatou-se que as profissionais que possuem uma formação mais elevada como graduação completa e, além disso, demonstram buscar estar sempre se atualizando em temas relacionados à profissão, as mesmas conseguem conceituar as indagações propostas de forma mais adequada, inclusive vinculando com a prática na forma de exemplos do seu dia a dia. Em contraposição, as entrevistadas que ainda estão em um processo inicial de formação possuem conceitos leigos ou equivocados sobre o seu papel frente à profissão, como por exemplo, vinculando a Educação Infantil somente ao “cuidar”.

Quando perguntamos o que é mais importante para se trabalhar com crianças, as palavras que aparecem mais frequentemente são: *carinho, amor pela profissão,*

paciência, sensibilidade e confiança, o que deve existir na relação entre aluno e professor baseada no afeto, na opinião das entrevistadas.

Percebeu-se que de acordo com a maioria das respostas, as profissionais acreditam que trabalhar com afeto e cuidar da autoestima do aluno é fundamental. Principalmente com crianças pequenas como na Educação Infantil, quando tudo o que ouvem pode estar sendo internalizado, a fim de formar sua personalidade. Por isso o professor, além dos pais, deve tomar o cuidado necessário sabendo que é uma grande referência para as crianças e, conseqüentemente, para sua vida futura. A criança precisa de tempo, dedicação e o professor precisa prestar atenção na mesma como um ser único.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do que apresentamos ao longo do trabalho, podemos entender o quanto e como a *afetividade* e, mais especificamente, as emoções, a autoestima, e a própria expectativa que os professores criam em relação aos seus alunos, podem interferir no desenvolvimento e na aprendizagem dos mesmos. E não é só isso, mas também o quanto um adulto pode influenciar no autoconceito de uma criança, possibilitando, assim, que esta possa levar consigo sentimentos positivos ou negativos em relação a si mesma, afetando todas as suas relações no decorrer de sua vida.

Ao realizar a pesquisa, foi possível constatar que as professoras da Educação Infantil que participaram da pesquisa percebem seu trabalho permeado pelo afeto, mesmo sem falar nele diretamente, pois usam expressões como amor, carinho, sensibilidade, e o cuidar. Mas, segundo os autores citados ao longo do texto, essa relação afetiva não ocorre em todos os lugares tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental, etapa em que os professores costumam focar somente na “aprendizagem” das crianças, sem parar para pensar em como sua atitude em relação a elas pode influenciar no rendimento de uma boa aprendizagem, ou não.

No que diz respeito especialmente à Educação Infantil, que foi a fase em que pudemos nos aprofundar mais devido à pesquisa realizada e por ser nosso foco de maior atenção e motivação, percebemos o quanto e como o afeto e a autoestima são essenciais nessa relação professor-aluno. Mesmo a formação de nível superior completa sendo tão importante, para ser um bom professor, aquele que consiga alcançar aprendizagens importantes e desenvolvimento satisfatório das crianças, é preciso mais que isso: é preciso que o professor esteja preocupado com o bem estar dos mesmos, em estabelecer a confiança através de vínculos adequados. E sobre a autoestima que o professor estará ajudando a construir nas crianças, o professor deve ser sensível e reforçar positivamente o senso de competência das crianças, especialmente os que se mostram mais inseguros.

Acreditamos que um professor com formação completa na Graduação e que tenha convivido com bons professores possa conseguir relacionar melhor a teoria com a prática. Mas, também, que além de uma boa formação, é importante que durante a

mesma ele tenha conhecimento do que se trata a autoestima, a afetividade, a emocionalidade, e do quanto sua relação com os alunos pode interferir no desempenho de aprendizagem destes – e não somente isso, o quanto essa relação pode contribuir positiva ou negativa para a vida adulta desta criança.

Embora tenhamos tido acesso a poucas referências bibliográficas em relação ao tema de estudo, principalmente pela aparente pouca disponibilidade de estudos voltados para a Educação Infantil, acreditamos que, de maneira geral, conseguimos atingir os objetivos propostos no presente trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDROFF, M. C. O papel das emoções na constituição do sujeito. **Construção Psicopedagógica** (São Paulo), v. 20, n. 20, p. 35-56, 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542012000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 dez. 2015.
- BRITTO, V. M. V.; LOMÔNACO, J. F. B. Expectativa do professor: implicações psicológicas e sociais. **Psicologia: Ciência e Profissão** (Brasília), v.3, n. 2, p. 59-79, 1983. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931983000100005&script=sci_arttext>. Acesso em: 08 nov. 2015.
- CAMARGO, D. **As emoções e a escola**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.
- CAMARGO, D. Emoção, primeira forma de comunicação. **Interação em Psicologia**, (Curitiba) v. 3, p. 9-20, jan./dez. 1999.
- FRANCO, A. de F. O mito da autoestima na aprendizagem escolar. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, v.13, n.2, p. 325-332, jul./dez.2009.
- GASPARIM, L. **Interações em sala de aula: vinculações afetivas e a constituição da pessoa para Henri Wallon**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- GUIMARÃES, S E. **Necessidade de pertencer: um motivo humano fundamental**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LOOS, H. **Atitude e desempenho em Matemática, crenças auto-referenciadas e família: uma path-analysis**. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2003.
- LOOS, H. A interdependência mútua da cognição e do afeto: atribuindo sentido à aprendizagem. In: DINIS, N. F.; BERTUCCI, L. M. (Orgs.). **Múltiplas faces do educar: processos de aprendizagem, educação e saúde, formação docente**. Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba: Editora UFPR, 2007, p. 13-27.
- LOOS, H.; SANT'ANA, R. S.; CEBULSKI, M. C. Afetividade, cognição e educação: ensaio acerca da demarcação de fronteiras entre os conceitos e a dificuldade de ser do homem. In: Loos, H.; Sant'Ana, R. S. (Orgs.) Dossiê: Cognição, Afetividade e Educação. **Educar em Revista** (Curitiba), n.36, p. 109-124, 2010.

LOOS-SANT'ANA, H. O papel da família no desenvolvimento da autoestima das crianças. **Revista Psicologia, Coleção Grandes Temas do Conhecimento**. São Paulo: Editora Mythos. [no prelo]

LOOS-SANT'ANA, H, GASPARIM, L. Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos. **Educação em Revista** (Belo Horizonte), v.29, n.3, p. 199-230, set./2013.

MAHONEY, A. A. Emoção e ação pedagógica na infância: contribuições da psicologia humanista. **Temas em Psicologia** (Ribeirão Preto), v. 1, n. 3, dez.1993. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 dez. 2015.

MARTURANO, E. M. Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. **Psicologia em Estudo** (Maringá), v. 8, n.1, p. 67-76, 2003.

NEVES, L.F. **Um estudo sobre as relações entre a percepção e as expectativas dos professores e dos alunos e o desempenho em Matemática**. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2002.

OATLEY, K.; JENKINS, J. M. **Compreender as emoções**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

ROCHA, M. J.; KASTRUP, V. Cognição e emoção na dinâmica da dobra afetiva. **Psicologia em Estudo** (Maringá), v. 14, p. 385-394, abr.jun. 2009. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n2/v14n2a19.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

ANEXO 1- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante:

Somos estudantes do curso de Pedagogia Universidade Federal do Paraná. Estamos realizando uma pesquisa sob supervisão da professora _____, cujo objetivo é aprofundar o conhecimento no tema escolhido para nossa pesquisa de conclusão de curso.

Sua participação envolve uma entrevista, que será gravada se assim você permitir.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para o nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

Atenciosamente,

_Nome e
assinatura do (a)
estudante
Matrícula:

Nome e assinatura do (a) estudante
Matrícula:

Nome e assinatura do(a) professor(a) supervisor(a)/orientador(a)
Matrícula:

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

ANEXO 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

1. Possui formação para atuar como professor da Educação Infantil? Qual? Há quanto tempo?
2. Porque escolheu essa profissão?
3. Agora que atua nela, é realmente o que você esperava?
4. O que você considera importante para atuar como professor na Educação Infantil?
5. Como vê sua relação com as crianças?
6. O que você entende por afetividade?
7. Considera a afetividade importante na educação infantil? Por quê?
8. O que é ser “afetivo” na interação com as crianças?
9. O que é autoestima, para você?
10. Como o professor da Educação Infantil pode afetar a autoestima das crianças?